

GT 6 - Ideologias, cultura e meios de comunicação

Intersecções entre análise de discurso e notas para uma introdução ao estudo da gramática

Carla Luciana Silva¹

Este texto se divide em dois momentos. No primeiro deles aponta alguns pontos da análise de discurso nos quais são apresentadas as polêmicas centrais sobre o pano de fundo interpretativo da AD: a relação entre formações discursivas e as formações ideológicas. Esta opção se deve à necessidade de problematizarmos o lugar social e histórico dos discursos enquanto materialização da ideologia.

É inegável que a AD se referencia no marxismo para construir sua metodologia. Entretanto, é preciso problematizar os referenciais do marxismo usados, o que faz com que se coloque o tema da relação entre marxismo e discurso como um objeto de investigação. Poderemos aqui não mais que apresentar essa polêmica para em outro momento podemos aprofundar esse debate.

O ponto dois apresenta o que mais nos importa nesse embate, que é perceber que ideologia não pode ser pensada dissociada das relações sociais nas quais se estabelece, modifica, reorganiza. Esse é o sentido dos textos de Gramsci sobre gramática (Caderno 29, de 1935) e literatura (Caderno 21, 1934-35), especialmente o Problemas da cultura nacional italiana / Literatura Popular. Os textos serão discutidos para apontar sua complexidade e para jogar luzes ao problema da leitura do marxismo com relação aos discursos e a linguagem e por conseguinte, também da hegemonia.

1. A Análise de Discurso - AD e o marxismo

¹ Professora Associada UNIOESTE. <https://orcid.org/0000-0001-6838-0394>. Contato: carla.silva@unioeste.br.

Há uma longa trajetória de vínculo entre o marxismo e distintas formas de analisar a linguagem e os discursos. Inicialmente, os estudos do Círculo de Bakhtin colocavam, ainda na década de 1920, a relevância do contexto ideológico dos signos:

O signo ideológico é uma unidade constitutiva da consciência humana: com efeito, esta última é constituída por valores sociais, ideológicos ou coletivos. Ele corresponde a um veículo ou a uma percepção social, partilhada ou coletiva: nenhum veículo pessoal, “não-dialógico” ou ainda “monológico” torna-se possível por esta razão. (TCHOUGOUNIKOV, 2008, P. 2)

Ou seja, o estudo dos signos vai passar, necessariamente, pelo caminho das relações sociais. Perceba-se que o texto de Marx, *A Ideologia alemã*, que instaura uma concepção ampliada sobre a ideologia somente viria a ser publicada em 1932. Portanto, a problematização e as metodologias de trabalho que permitissem abarcar a temática ainda estavam em construção.

Sem propormos fazer aqui uma história da ideologia, e sabemos que há vários autores que já contribuíram com esse problema, situamos nos anos 1960, no contexto de ruptura com concepções estruturalistas do conhecimento, que se aprofundariam os estudos e se criaria essa área de estudos conhecida como Análise de Discurso. Os estudos de Saussure datavam também do início do século e haviam promovido a separação entre língua e fala, instituindo um papel para o signo. Sua concepção seria fundante mas considerada superada pelos autores da AD. Mas a crítica ao estruturalismo constituído a partir de sua visão era o ponto central das novas questões: “Se a criatividade e a história estiveram entre os problemas mais graves que a Linguística estrutural encontrou, a dificuldade maior estava no fato de que ela minimiza as implicações do sujeito falante no discurso e que ela considera pouco as manifestações [dos sujeitos]” (DUBOIS, 1968, p. 52), assinalou Jean Dubois em sua crítica, ainda em 1967 e em seguida publicada no Brasil.

A AD recorrentemente reputa a concepção de Formação Discursiva a Michel Foucault, em suas reflexões na *Arqueologia do Saber*. Mas o linguista Dominique Maingueneau completa: “mas ela pode reivindicar uma segunda paternidade, a de M. Pêcheux” (MAINGUENEAU, 2015, P. 81) Ele completa: “nos dois casos, a formação discursiva é concebida como um sistema de restrições invisíveis, transversal às

unidades tópicas”. No primeiro autor, a noção de FD busca diluir unidades familiares (gênero, disciplina etc.), no sentido de construir conjuntos não arbitrários e que permanecem invisíveis. A dificuldade ao cientista seria a construção dessa “unidade invisível”, como notou Maingueneau. Ele complementa, situando a contribuição de Pêcheux que inovaria trazendo a concepção de “formação ideológica”, diretamente ligada a Louis Althusser, e tendo da tese dos Aparelhos Ideológicos do Estado sua mais forte ferramenta. No aprofundamento das questões que envolvem a ideologia, recuperando a concepção da luta de classes, Pêcheux chega a citar textualmente Gramsci. A ideia de “deslocamento”, dos atravessamentos que o interdiscurso traz à formação discursiva, é um espaço onde o discurso pode se abrir. Entretanto, isso pode servir apenas para moldar o discurso, aceitar novos sujeitos, se readequar na aparência. O campo teórico segue com esse desafio:

As proposições de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado, que procuram dar continuidade a determinadas colocações de Gramsci a respeito do conceito de hegemonia e da proximidade invisível do Estado no cotidiano, formam uma ajuda valiosa nessa direção, se ela for interpretada de tal forma que os processos de reprodução ideológicos *também* sejam abordados como local de *resistência múltipla*. Um local no qual surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções. (PÊCHEUX, 2015, 115)

Ele atenta: Repetição não é “reprodução” do mesmo, pois o discurso vai sofrendo adaptações; o intradiscurso carrega sempre o interdiscurso e promove deslocamentos. A AD traz uma série de outros mecanismos que não cabem aqui, mas importa ressaltar a importância das condições de produção do discurso e a produção de sentidos como central desta perspectiva. O debate sobre o marxismo na concepção de Pêcheux segue, portanto, um caminho aberto, e aqui apenas citamos algumas referências (para introduzir o debate, no Brasil: FONSECA, CESARIO E ALMEIDA, FONTANA). E ressaltamos:

Diante deste objetos ideológicos, há de ser considerar tanto o poder das ideologias dominantes quanto algumas insuficiências da ideologias contra hegemônicas, quanto creem poder se ‘estabelecer’ na desidentificação frente a

estes pré-construídos, deixando escapar o movimento real da luta de classes ou vindo a ocupar outras posições no seu interior (FONSECA, 2021, p.3)

A partir dessas considerações iniciais, buscamos nos aprofundar na intersecção dessa concepção com o conceito de hegemonia reivindicado pelo autor, no debate com Gramsci. Como pano de fundo desta leitura, entendemos que no pensamento de Gramsci a estrutura produtiva gera meios de sociabilidade e de sobrevivência imanentes, ideias desenvolvidas no texto *Americanismo e Fordismo*, no Caderno 22, de 1934 (SILVA, 2020).

b. Cultura como ideologia e gramática

A preocupação de Antonio Gramsci nos seus estudos de cultura, parcialmente materializados pelos estudos empíricos da literatura da época, se relacionava a estudar as formas de produção de projetos sociais que se tornam hegemônicos. Ele viveu um momento de consolidação de uma nova organização da Igreja Católica que, no contexto pós unificação italiana também se reordena em partido político, tendo que reorganizar as suas formas de hegemonia:

Toda a formação histórica da nação italiana se dava em ritmo demasiadamente lento. Sempre que aflora, de um modo ou de outro, a questão da língua, isto significa que uma série de outros problemas está se impondo: a formação e a ampliação da classe dirigente, a necessidade de estabelecer relações mais íntimas e seguras entre os grupos dirigentes e a massa popular-nacional, isto é, de reorganizar a hegemonia cultural. (GRAMSCI, 2002, p. 146)

O problema da língua é um pano de fundo para o problema do reordenamento da hegemonia. Longe de trazer uma preocupação com a linguística, a Gramsci inquieta o tema da forma que o Estado em formação vai tratar a relação da população em geral com a gramática e a imposição de um idioma unificador, pois a “gramática normativa só por abstração pode ser considerada separadamente da linguagem viva, visa a fazer com que se aprenda todo o organismo de uma determinada língua, bem como a criar uma atitude espiritual que torne as pessoas capazes de se orientarem sempre no ambiente linguístico” (GRAMSCI, 2002, p. 149). Ela está em relação indissociável com a “vida real”. Portanto, aprender e dominar o idioma não pode ser

uma questão menor, pois o mesmo será usado como uma forma de dominação, já que a classe dominante sempre terá meios de aprender e ensinar seus filhos.

A própria incorporação de termos novos, que advêm de particularismos locais, os “neolalimos”, indicam um mundo em transformação: “nos períodos de crise verificam-se as mais extensas e múltiplas manifestações de neolalismo. A língua e as linguagens, toda expressão cultural, toda atividade moral e intelectual têm uma língua própria historicamente determinada” (GRAMSCI, 2002, 71). A construção do nacional-popular passaria por essa política cultural, a língua se renova para incorporar as ideias, necessidades e diferenças.

Essa população que vive em um capitalismo em transformação se vê diante de mudanças na estrutura produtiva, que sempre está acompanhada por uma reforma moral, em Gramsci:

Sempre houve uma grande parte da humanidade cuja atividade foi sempre taylorizada e ferreamente disciplinada e que buscou se evadir dos estreitos limites da organização existente, que a esmagava, através da fantasia e do sonho a maior aventura, a maior ‘utopia’ criada coletivamente pela humanidade, ou seja, a religião, não é um modo de evadir-se do ‘mundo terreno’? (GRAMSCI, 2002, p. 57)

É neste sentido que ele se põe a estudar a produção dos intelectuais católicos, ao mesmo tempo em que aponta na literatura de folhetim as contradições que os católicos buscavam ocultar diante do real: “o catolicismo se tornou, para os intelectuais, algo muito difícil, que não pode dispensar, mesmo no seu íntimo, uma apologia minuciosa e pedante”. Mais que isso, ele “é estéril para a arte”, na medida em que o genuíno sentimento religioso se tornou infecundo: deve-se ser doutrinário para poder escrever ‘ortodoxamente’. (GRAMSCI, 2020, p. 84). Os próprios católicos exercem controle sobre o que os demais intelectuais católicos escreviam, e por isso as contradições do real não apareceriam nesses textos, levando o seu público a buscar “sentimentos” e outras visões em outros espaços. Fica a dúvida sobre a medida em que essa ortodoxia poderia ser atribuída para além dos católicos, aos comunistas.

Ao longo destes textos, Gramsci traz diversas vezes a incorporação da racionalização, que vem associada ao taylorismo, ao reordenamento do próprio

sujeito histórico. Assim ele fala de Sancho Panza, “Que não quer ‘aventuras’, mas uma vida segura, e que a maioria dos homens seja atormentada precisamente pela obsessão da ‘imprevisibilidade do amanhã’, pela precariedade da própria vida cotidiana, isso é, por um excesso de prováveis ‘aventuras’”. Esse quadro se acentua:

No mundo moderno, a questão tem um colorido diverso do que tinha no passado, porque a racionalização coercitiva da existência atinge cada vez mais as classes médias e intelectuais, em enormes proporções, mas, também para elas, trata-se não da decadência da aventura, mas do caráter excessivamente aventureiro da vida cotidiana, isto é, da excessiva precariedade da existência, unida à convicção de que contra esta precariedade não há nenhum modo individual de resistência: aspira-se, portanto, à aventura ‘bela’ e interessante, já que devida à própria livre iniciativa, em oposição à aventura ‘feia’ e revoltante, já que devida às condições impostas por outros e não escolhidas. (GRAMSCI, 2002, p. 58)

A atualidade desse texto impressiona, pois se refere às distintas formas de interiorizar a coerção e através de mecanismos racionais realizar as tarefas do dia-a-dia, sobretudo no meio intelectual e nas classes médias. Parece mesmo não haver saída a essa “excessiva precariedade da existência”. Teria a literatura um papel nodal não para a resistência individual, mas para a fantasia, os folhetins, a literatura. Nas resenhas de Gramsci ele vai apontando esse sentido. Nesse caso, “os laicos fracassaram em sua tarefa histórica de educadores e elaboradores da intelectualidade e da consciência moral do povo-nação; não souberam satisfazer as exigências intelectuais do povo, precisamente por não terem representado uma cultura laica, capaz de se difundir até nas camadas mais rudes e incultas”. (GRAMSCI, 2002, p. 44). Mas tampouco os católicos lograram ir mais longe, pois onde sua literatura se difundiu foi por “castigo, imposição ou desespero”. Mesmo quando buscaram adentrar no mundo da ciência, falando sobre astronomia, assunto de interesse popular, eles fracassaram:

A incapacidade dos intelectuais católicos e o escasso sucesso de sua literatura são um dos mais expressivos indícios da íntima ruptura que existe entre a religião e o povo: este se encontra num miserabilíssimo estado de indiferentismo e de ausência de vida espiritual ativa: a religião conservou-se no

estágio da superstição, mas não foi substituída por uma nova moralidade laica e humanista por causa da impotência dos intelectuais laicos (GRAMSCI, 2002, P. 45).

Reforça-se então a necessidade de uma reforma moral e intelectual. Os escritos para esse fim viriam de fora, pois não haveria uma literatura organicamente articulada. Literatura e história italiana se confundiam (MUSSI, 2017, p. 67), e, portanto, essa reforma se construiria no projeto em construção. A autora mostra os sentidos da crítica literária em Gramsci, “parte intrínseca” da história do país.

Os textos pelos quais Gramsci vai passando ajudam a perceber que tipo de texto deveria ser produzido, era possível ser “grande artista” e ao mesmo tempo popular, como Shakespeare. As paixões e os dramas devem ser representados, “não desenvolvidos como uma tese, como um discurso de propaganda; isto é, o autor deve viver no mundo real, com todas as suas exigências contraditórias, e não expressar sentimentos absorvidos apenas nos livros. (GRAMSCI, 2002, p. 48). Ou traz a contradição ou joga o sujeito no reino da pura ilusão e obediência. Ele insiste nesse problema: “mas a vida e o gosto de uma época não monolítico, ou, ao contrário, algo pleno de contradições?” (GRAMSCI, 2002, P. 86)

Evidentemente que não temos objetivo aqui se concluir esse debate. Para seguir este estudo, a retomada do Caderno do Cárcere 4 de Gramsci (edição brasileira) pode levantar novas questões. Mas é possível apontarmos a coincidência de um problema: as respostas de distintos autores, no marxismo, para a problemática complexa das formas de lidar com a ideologia. É preciso nos colocarmos contra uma concepção estanque de hegemonia, da mesma forma que o problema da ideologia na AD não pode aparecer como puro assujeitamento diante de uma estrutura. Gramsci pensa nas ideias “de fora”, no “americanismo”, como uma oxigenação que rompa com o dogmatismo católico. Mas está atento para os problemas que ele colocaria, na medida que viria associado a uma certa concepção de organização da sociedade. Ao ser reivindicado nas análises atuais, não é possível colocar a resposta antes da pergunta, reduzindo a dominação a uma “hegemonia” intransponível, mas ao mesmo tempo é preciso problematizar as possibilidades de flexibilização das suas

formações discursivas, sob pena de acabarmos simplesmente vendo o dominando aceitando a dominação. Lembramos ainda de Pêcheux quando teoriza os “esquecimentos” do sujeito: ele sempre tem uma relação parafrásica com o discurso, algo que estabeleça o sentido e o reconhecimento individual, ou mesmo coletivo quando ele pode se posicionar por meio do seu grupo. Essa concepção, associada à noção de massas, nos termos propostos por Freud, é base para pensar o inconsciente atuando nos deslocamentos presentes no discurso na Análise do Discurso.

Referências bibliográficas

- CESARIO, A e ALMEIDA, A. Discurso e ideologia: reflexões no campo do marxismo estrutural. *Acta Scientiarum. Human and social Sciences*. Maringá, v.32, n.1, 2010.
- DUBOIS, Jean. Estruturalismo e linguística. In: BALLEST, René, et. All; *Estruturalismo e marxismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- FONSECA, Rodrigo. O marxismo de Michel Pêcheux. Anais do VII Colóquio Internacional Marx e Engels- CEMARX, 2012.
- FONTANA, Monica. Althusser e Pêcheux: um encontro paradoxal. *Conexão Letras*. V.9, n.12, 2014
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Temas de cultura. Ação Católica. Americanismo e fordismo. Volume 4. RJ, Civilização Brasileira, 2001.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Literatura. Folclore. Gramática. Volume 6. RJ, Civilização Brasileira, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. SP, Parábola, 2015.
- MUSSI, Daniela Xavier. Antonio Gramsci: cultura, política e classes subalternas. In: NASCIMENTO, Adriano (org.). *Gramsci em perspectiva*. Maceió, Edufal, 2017.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso*. Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4ª ed. Campinas, Pontes, 2015.
- SILVA, Carla Luciana. Americanismo e fordismo e formação moral e cultural de classe. In: AIRES, J. ET AL (ORG) *Antonio Gramsci e os desafios do marxismo no mundo contemporâneo*. João Pessoa, CCTA, 2020.

TCHOUGOUNIKOV Serguei. O círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma “aliança ambivalente”. Revista Conexão Letras, V.3, N3, 2008.